



Director literario:

A stylized signature in black ink, likely belonging to the literary director.

PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

A stylized signature in black ink, likely belonging to the artistic director.

PAPUSSE

A

verdadeira história do Pum

POR OLAYO

(continuação do número anterior)



O! seguindo em direcção ao Tejo, com os olhos pregados no chão, absolutamente resolvido a acabar com a vida. Desceu, devagar, a Rua da Prata, atravessou o Terreiro do Paço e chegou, enfim, à beira do rio que parecia dormir, á que-la hora da tarde, quasi noite. Olhou muito tempo para o rio, sem se resolver a cumprir a terrivel promessa que fizera a si mes-

mo. Resolveu-se por fim : passou uma perna por sobre o pequeno muro de pedra e já ia abismar-se para sempre na agua lodosa, quando qualquer ruido anormal lhe chamou a atenção. Voltou a cabeça e ainda teve tempo de assistir ao final duma discussão entre dois individuos que estacionavam a alguma distancia, perto de um taxi fechado, de que acabavam de descer. Um deles, (o mais alto) gritou, exaltado : quem guarda o bilhete sou eu e mais ninguém ! E mettendo no bolso um papel que segurava, obrigou o outro a entrar para o automovel que se afastou rapidamente em direcção à Rua do Ouro. Mas o bilhete que o homem alto julgava ter guardado no bolso tinha caído em falso e voára num golpe de vento. O Pum, já interessado, adiou o suicidio e foi apanhar o papel que fugia, levado pelo vento. Apanhou-o com alguma dificuldade, e à luz dum candieiro constatou ser um bilheté de lotaria, com tiragem no dia seguinte ao meio dia. Pensou logo que poderia vendê-lo naquela noite e no dia seguinte até à hora da tiragem. Arranjaria

(Continua no página 8)





Página Musical

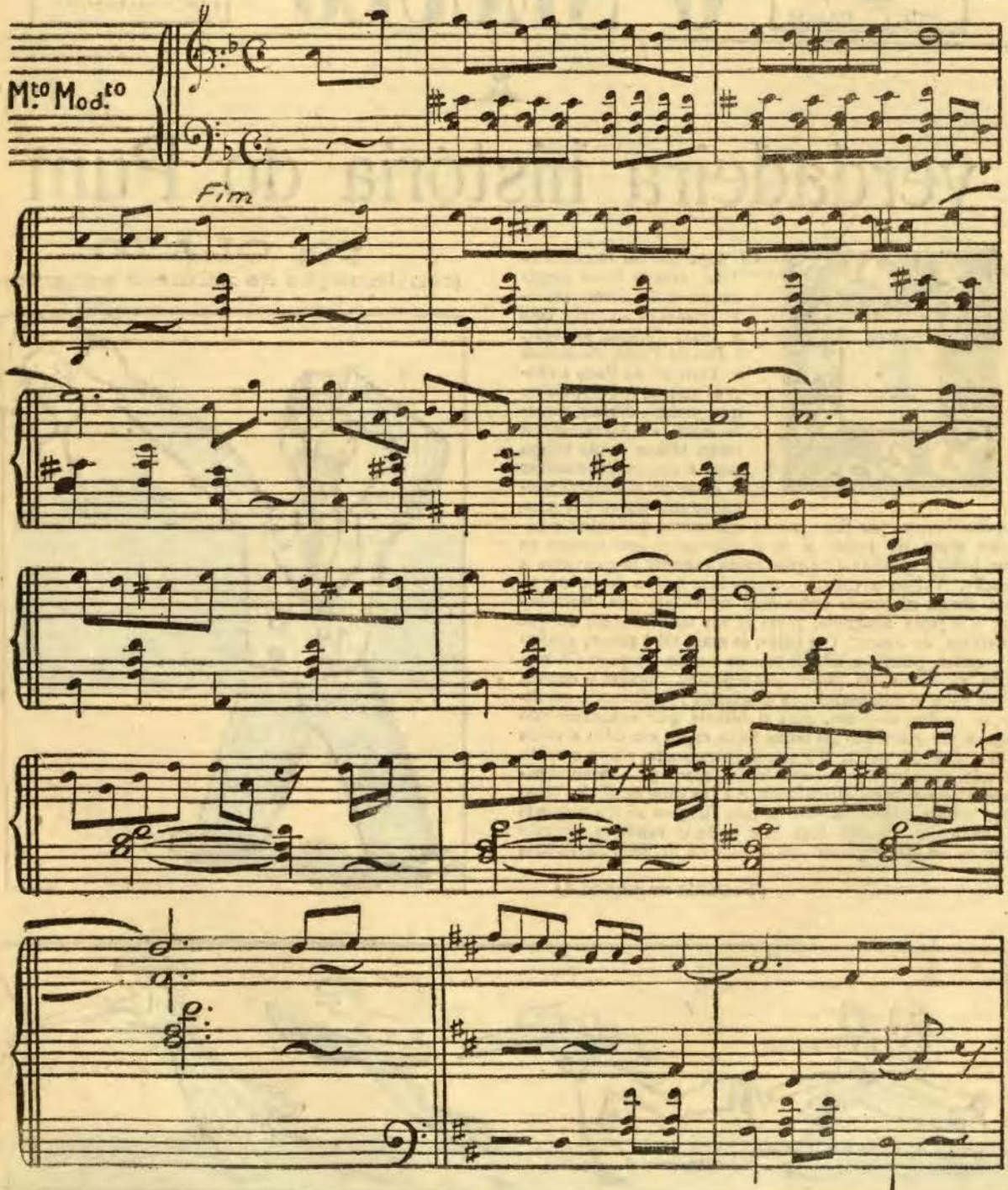
FOLGUEDOS

LETRA de
GRACIETTE BRANCO

MÚSICA de
ANTONIO SIMÕES

M^{to} Mod.^{to}

Fim



Com a luz das nossas danças,
nossa graça natural,
Semelhamos pombas mansas
fugidinhas ao pombal.

Façamos por dançar bem
em louvor do S. João,
Oxalá êle também

Oxalá êle também
Nos conduza pela mão!

Nossa voz é céu aberto
Desta quadra festival,
nossos olhos são decerto
nossos olhos são decerto
balõezinhos d'arraial.

Santo adorado
Velai, também,
p'lo nosso fado
na vid'além;
que S. João
nos dê guarida
na linda Ermida
dum coração!

COLABORAÇÃO INFANTIL





Bondade recompensada

POR ZÉZÉ SANTOS
DESENHOS DE OLAVO



VIVIA numa aldeia um sapateiro que tinha uma filhinha muito bonita, com quatro anos de idade, e casado com uma mulher fraca e sempre doente. Não tendo quem o ajudasse nos trabalhos domésticos e no cultivo de dois pedaços de terra que possuía, lembrou-se de mandar vir do Albergue das Crianças Abandonadas, um rapazi-

to. Chegou António, que assim se chamava o petiz, a casa do sapateiro e foi recebido por ele com o maior desprêzo, pois dizia ele que um enjeitado não merecia consideração alguma. Nunca se lembrou aquêlê homem de ma'n coração que bastava a desgraça de êle não conhecer pai nem mãe para merecer compaixão e caridade.

António trabalhava todo o dia e, apesar dos seus dez

anos apenas, parecia já um homem, sisudo, obediente e resignado com a sua triste sorte.

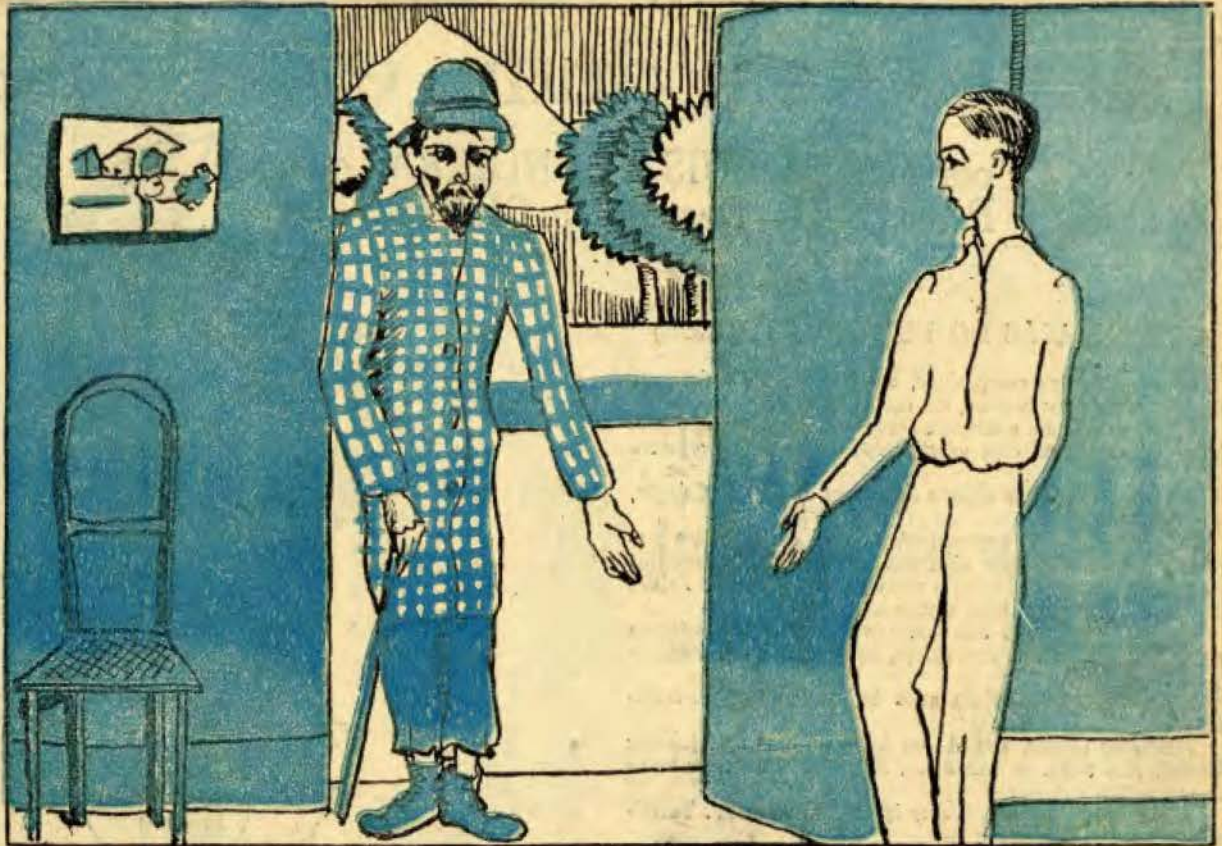
Quando o patrão lhe batia brutalmente, chamando-lhe vil enjeitado e outros nômes ofensivos, António chorava em silêncio, sòzinho e nunca tinha uma ideia de vingança, ou revolta contra tão imerecido desprêzo e maus tratos. Só uma coisa o alegrava e distraía: andar com a menina ao colo e brincar com ela, para a entreter, pois ela era linda e boa como um anjinho, mas tão pequenina e fraquinha, que parecia ter dois anos sómente.

Um dia o sapateiro lembrou-se de vender tudo o que tinha na aldeia e ir com a mulher e a filhinha para Lisboa, pois tinham-lhe oferecido um lugar numa bñcina da sapataria dum seu vizinho estabelecido na capital.

António, que tinha ganho grande afeição à pequenina Lila, chorou muito ao saber que iam todos para Lisboa, calculando já que não se tornariam a vêr.

O sapateiro quiz mandar o rapaziço nòvamente para o Albergue, mas uma sua vizinha, viuva sem filhos, coração ca-





ritativo e bondoso, pediu-lhe o pequeno António. O sapateiro muito contente ficou, em se ver livre do rapaz, sem mais massadas.

Passou bastante tempo. O sapateiro continuava em Lisboa, pouco protegido da sorte. Na aldeia, António continuava sempre trabalhador, obediente, cheio de bons sentimentos e inteligência, pois a boa viuva mandava-o à escola, onde fazia admiração a toda aquela gente, pela rapidez com que tudo aprendia.

Além disso, dotado dum grande amor ao campo e à lavoura, sabia tirar da terra o maior proveito e os bens da viuva começavam a duplicar; havia mais abundância em casa e já tinham comprado mais terrenos para cultivar, que era explorado com muita inteligência pelo pequeno António. Por essa ocasião, uma terível epidemia assolou Portugal, havendo centenas de vítimas a lamentar.

Finou-se a pobre viuva nos braços de António, a quem deixou todos os seus bens, como recompensa ao seu trabalho e respeito filial com que a tratara sempre.

António ficou rico, mas outra vez só no mundo!

Uma noite, em que António já deitado recordava o seu passado tão triste e agradecia a Deus a protecção que lhe dispensava, sentiu bater levemente à porta; levantou-se, acendeu a luz e, ao abrir a porta, viu um mendigo muito sujo, com grande barba, pedindo-lhe agasalho. António acendeu o lume, deu-lhe de comer, e, reparando bem, reconheceu nêle, quem? O sapateiro, aquele homem que tinha sido tão mau para êle!

Mas, aquêl coração tão bem formado não teve uma ideia de vingança, ao ver na miséria aquêl homem. Uma profunda piedade se apoderou de António: correndo para êle, estreitou-o nos braços como se fôsse a um pai, e disse-lhe, comovido. «O meu patrão aqui e sósinho! mas que acontecêtu?! Onde está a menina Lila e a sua senhora?» O sapateiro só então reconheceu António e, admirado de tanta bondade, ao ver que êle assim perdoava o mal que lhe tinha feito, chorou de remorsos e contou a António a sua triste sorte, talvez castigo de ter sido tão mau e soberbo como êle! A mulher morrera-lhe com a epidemia, a filha, muito mal também, tinha ido para um hospital, por pobre, onde se encontrava ainda. Ele que tinha sido despedido há muito tempo da oficina, por insubordinação, gastara todas as suas economias no sustento, à espera de se empregar ou-

tra vez, mas, perseguido pela fatalidade, chegou-lhe a doença. Como não tinha recursos, teve que esmolar pelas ruas e, vendo-se tão doente e na miséria, pensou em pedir a algum vizinho caritativo que o deixasse convalescêr no campo, para poder depois trabalhar. António, ouviu tudo com os olhos razos de lágrimas. Aquêl coração de anjo comovia-se com a desgraça alheia, pois sabia bem o que era sofrer.

Pediu ao sapateiro para ficar em casa dêle, até estar bom. Que lhe desse o número da cama da filha para ir vê-la ao hospital.

No outro dia cedo, António partiu para Lisboa e, depois de muitas diligências, conseguiu trazer consigo para a aldeia, ainda muito doente, a pobre Lila, que parecia uma bonequinha de cêra.

Lila e o pai eram tratados com os maiores disvíelos e carinhos; vieram os médicos das terras vizinhas e António não se poupava a despêsas, para os ver restabelecidos. Lila com os ares do campo em breve se achou boa e tornou-se uma encantadôra rapariga.

António sentia que a afeição de crianças continuava mais forte ainda e Lila via em António o seu anjo salvador. Por isso eram para êle todos os seus pensamentos. Mas, se a mocidade de Lila ajudou a restabelecer-se, o pai, já velho e cansado, finou-se um dia, aos estragos da pertináz doença, dizendo na hora da morte, para António: «Meu filho, perdoa-me ter sido tão mau e injusto para ti. Deixa-te a minha filha, pois sei que gostam muito um do outro, e ela que te pague em carinho o bem que nos fizeste; sejam felizes».

Assim foi. Casaram e ainda hoje se fala naquele casal de sempre noivos, por tantos anos tão amigos, que faziam inveja aos vizinhos.

A fortuna protegeu-os sempre. António comprou uma quinta e hoje é um velhote abastado, com uma importante lavoura. Deus recompensou assim a sua muita bondade.

Inda vivem, são felizes,
Dos filhos conheço um,
O qual tem muitos petizes
Leitores do «Pim Pam Pum»...

(ZÊZÉ SANTOS)

Maria José C. Santos

Tribulações dum estudante

por MARIA LUISA BANDEIRA
PACHECO—Desenho de OLAVO

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

Que haja ratos campestres, aquáticos e até turistas...
(Os que viajam em bandos, em certas épocas).

Que o leão tenha o sistema nervoso, e dos sentidos muito desenvolvido? Tem esta sensibilidade toda para devorar a gente.

Deus me livre dum ataque de nervos do Rei da Criação, ao pé de mim!

E' verdade:— Se experimentassem cá em Lisboa, a maneira de condução que uma vez adoptou Marco António; quando fez puxar por leões o carro que o conduzia? Talvez fôsse a maneira de regular o trânsito.

Quanto ao estômago dos ruminantes, também lá meteram o nariz, e viram que tem pança, barrete, folhoso, coagula-dor...

Ey quando tiver trinta anos hei-de lembrar-me muito disto.

Pondo os óculos, tirando os óculos, o bom do professor Amaral não sabia já que dizer. Esfregou as enormes botas na «carpete» e disse:

— Menino Henrique: E que fazer para se calar? Terminámos a lição há muito.

O senhor não ouve os meus conselhos... está dissertando. Apenas lhe digo uma cousa: A sabedoria faz o homem aproximar-se do clarão divino da perfeição humana; a ignorância torna-o errante na vida, e desgostoso de si próprio.

— Tem imensa razão, responde Henrique. Como eu gostaria de chegar a essa luz sem me queimar!

(Continua na página 7)



PARA OS MENINOS COLORIREM



NA PRAIA

POR GRACIETTE BRANCO
DESENHO DE OLAVO

A beira-Mar,
a pular,
entre luzentes seixinhos,
anda a lindinha
Nini I;
a molhar os seus pezinhos...
.....
Sempre a rolar,
dobra
e desdobra
o Mar,
seu vestido de espuma...
Uma a uma
as ondas veem pousar
no regaço
da areia...

Um abraço
de luz,
envolve, enleia
o Mar...
A luz
enfeita
os barcos...
E à direita,
Buarcos
que o Sol beija,
alveja...
alveja...
parece uma cidade
de cartão...

—Menina de tenra idade
que tem medo do Papão... —
.....

A sombrinha
da Nininha
lembra uma rosa
a pousar
no fundo verde do Mar...
E a Nininha,
radiosa,
alegre, airosa,
e feliz,
põe-se a gritar:
—«Liz!
O! Li-i-i-i-iz!...»



.....
E o Liz, com medo do Mar,
põe-se a ladrar!
—Béu-Béu-Béu!...
.....

E os meus olhos vão pousar
na sombrinha,
na Nininha,
no Mar
no Liz,
e no Céu!...

FIM

Carta do Tio Tónio

Quartel em Tancos...

A todos os meus amiguinhos

O vosso amigo Tio Tónio sofreu uma grande contrariedade que o obrigou a deixar de colaborar no «Pim-Pam-Pum» desde há tempo.

Já há muito que deveria dar-lhes uma satisfação, mas motivos vários, entre eles a falta de tempo, o teem obrigado a êste tão malcriado silêncio.

Logo que possa responderá por ordem a todas as cartas que lhe foram dirigidas até à ocasião da sua saída.

Todas as outras estão, é claro, em muito boa mão e serão publicadas caso mereçam.

Muito breve reaparecerei com coisas... de traz da orelha...

Desculpem ao «galucho» (!!!) do Vosso — TIO TONIO

Suzette—Escreva meu nome — Amadora.

M. A. V. Fragoso—Já vi as suas cartinhas. Tenho pena de não estar em Lisboa nessa altura. Escrevo.

Todavia o pêso da sciência é tão grande sôbre os meus ombros, que eu não poderei trepar até lá...

Ainda por cima disto querem que eu seja médico!

Imaginem quando fôr vêr algum doente atacado de pneumonia ou iterícia, eu pôr-me a dizer-lhe:

— Conhece o sistema de Copernico? Sabe, por exemplo, porque é que as môscas se equilibram ao subir uma superficie lisa e perpendicular? E' porque a terra se volta constantemente sôbre o seu eixo. (O' senhor Amaral olhe que desta demonstração não me esqueci eu.)

E quando o doente me deitar a língua de fora, e estender o pulso exclamo:

O trovão é o estampido produzido por uma forte explosão electrica na atmosfera; acompanhada de relâmpagos, e muitas vezes de raios.

A corola é a parte corada e brilhante da flôr; as fôlhas da corola, chamam-se pétalas. Se ela é dividida, diz-se Polipétala.

Eurípedes foi um poeta trágico, célebre. Compoz 75 tragédias, e morreu despedaçado pelos cães de Arehelao.

Ainda bem que se descobriu o açamo, não é verdade senhor Amaral?

Este respondendo insensivelmente que sim, quiz argumentar:

— Decerto que essas cousas nadá teem com a medicina; mas são ramos de outras sciências que seguidas, qualquer delas pode fazer um homem superior entre todos.

Além disto: saber o mais possível é uma obrigação.

Henrique levantou-se e de mãos nas algibeiras prometeu: — «Bon gré mal gré», aprenderei a «sciência».

Nesta altura alguém bate á porta. Henrique surpreso abre-a, e depara-se-lhe o criado o qual diz pausadamente:

— Chegou agora mesmo o novo professor de música e canto, que sua Ex.^{ma} mamã mandou vir.

Tendo apenas forças para murmurar um: Ah! Henrique levou as mãos á cabeça atordoado, e, como um mártir aprontando-se para o suplicio, dispõe-se a seguir o criado.

Antes disso, despede-se do senhor Amaral, e declara-lhe gravemente:

— Mais um! Meu caro mestre: deixe que também lhe diga só uma cousa:

— Se eu não me tornar num grande sábio, serei um digno rival do Pinheiro Maluco!

FIM

assim algumas dezenas de escudos e continuaria com o negócio de venda de cautelas. Assim como assim, não tinha o direito de se matar; devia lutar, lutar sempre. Foi logo para a porta dos teatros e dos catés, na esperança de vender o bilhete, que, dum modo tão inesperado, lhe caíra nas mãos. Mas a pouca sorte parecia persegui-lo e no dia seguinte ao meio dia ainda não tinha conseguido vender nem um vigéssimo. Começou a «andar a roda». O pobre Pum à porta da Santa Casa, gritou ainda angustiadamente: E' o 3033!! Quem quer 400 contos?!

Mas em vão... Ninguém parecia reparar nêlo. Só um garoto, que também ficára com duas cautelas, lhe atirou uma graça: Seu milionário! Também joga com bilhetes inteiros...

O Pum estava sucumbido. Escapava-lhe a última esperança. Mas, de súbito, saiu um grito do interior da Santa Casa: A Taluda! A Taluda!... Foi no 3033!...

O quê?! Seria verdade o que se estava passando? Êle tinha a sorte grande?

Então, antes de deitar foguetes, foi êle proprio indagar em que número tinham saído os quatrocentos contos.

3033 era o que ouvia por toda a parte. 3033!... 3033... 3033... O Pum já suava! Quatrocentos contos! quatrocentos contos... quatrocentos contos... E áquela parvalheira em que ficou, sucedeu-se um ataque de loucura que o levou a gritar desvairado: estou rico! estou rico! estou rico!... E batia com a mão na cabeça para que essa certeza lhe entrasse bem nos miolos.

Varias pessoas em volta olharam-no cheias de inveja e algumas pensaram vagamente que seriam capazes de tudo para também possuírem tanto dinheiro, não se lembrando que o excesso de riqueza é como todos os excessos, um defeito. Mas, enquanto



o Pum disparatava dêste modo para manifestar a sua alegria, vêm um golpe de vento e levou consigo o precioso bilhete. Depois do primeiro momento de surpresa, êle, e instinctivamente, todos os que o rodeavam, se lançaram em perseguição do bilhete a quem parecia terem nascidos azas e helices de tal maneira voava por essa cidade fóra. E assim foram correndo como doidós até que, ao chegar às proximidades do Jardim de S. Pedro de Alcantara, uma rapariga que vendia pevides, tomando grande dianteira ao exercito de perseguidores conseguiu salvar o bilhete no momento em que êste ia desaparecer para todo o sempre, escapando-se atravez as grades do jardim.

O Pum, certo de que sem a intervenção providencial da vendedeira de pevides, seria muito difficil, talvez impossivel, reaver o bilhete, abraçou-a comovidamente, oferecendo-lhe logo o lugar de governanta na sua casa, onde tudo o que faltava seria substituido, menos a sua próprio mãe que nada podia substituir.

CAPITULO IV

Ha agora um grande lapso na vida do Pum.

Apenas sei que o Pum conseguiu aumentar extraordinariamente a sua fortuna com negocios sérios e auxiliando sempre os amigos e outras pessoas necessitadas. Sei tambem que, dois mezes depois do dia da sorte grande, o Pum, de frak e chapéu alto, casára pomposamente com a antiga vendedeira de pevides, sem que lhe desse cuidado a falta de braços da sua companheira. Mas a felicidade durou bem pouco, porque um dia chegou em que o Pum, cumprindo o seu dever de patriota, se viu obrigado a partir para a guerra.

FIM

